
Literatura, imagens e ensino: questionamentos acerca dos estereótipos de masculinidade

Literature, images, and teaching: questioning masculinity stereotypes

Marcos Aparecido Pereira
Instituto Federal de Mato Grosso (UFMT)
Cuiabá – Brasil

Resumo

Este artigo aborda o papel transformador da literatura em desconstruir estereótipos e ampliar a consciência do leitor sobre si mesmo e o mundo. Dividido em três partes, explora a natureza íntima da experiência literária, destacando seu potencial formativo no autoconhecimento e na conexão emocional e intelectual com as histórias, fundamentado em Candido (2011), Zilberman (2008) e Llosa (2012, 2016). Baseado em Bachelard (2019) e Durand (1993, 2019), discute-se o papel das imagens psíquicas na formação escolar e desenvolvimento da criatividade. Exemplifica-se com o conto *Famigerado*, de Guimarães Rosa, como a literatura pode questionar estereótipos, como o de masculinidade. Destaca-se a importância da leitura literária na construção da identidade e na percepção das questões pessoais e socioculturais, reconhecendo seu impacto na visão de mundo e na capacidade de desafiar ou reforçar estereótipos.

Palavras-chave: Desconstrução; Ensino; Masculinidade; Literatura.

Abstract

This article discusses the transformative role of literature in deconstructing stereotypes and broadening readers' awareness of themselves and the world. Divided into three parts, it explores the intimate nature of the literary experience, highlighting its formative potential in self-knowledge and the emotional and intellectual connection with stories, based on Candido (2011), Zilberman (2008), and Llosa (2016). Based on Bachelard (2019) and Durand (1993), it examines the role of psychic images in school education and creativity development. It uses the short story *Famigerado* by Guimarães Rosa to illustrate how literature can challenge stereotypes, such as masculinity. The article emphasizes the importance of literary reading in constructing identity and perceiving personal and sociocultural issues, recognizing its impact on worldview and the ability to challenge or reinforce stereotypes.

Keywords: Deconstruction; Teaching; Masculinity; Literature.

1. Introdução

Este trabalho visa discutir como a literatura atua como uma força subversiva, desconstruindo estereótipos e expandindo a consciência do leitor. Dado que a literatura transcende definições fixas, expressando dilemas humanos e questionando normas sociais, o trabalho com o texto literário em sala de aula tem grande potencial formativo. Isso porque a literatura oferece novas perspectivas sobre histórias fundamentadas em temas universais, permitindo aos leitores identificar-se emocional e intelectualmente com os personagens, ampliando sua compreensão do mundo e de si mesmos.

Nesse sentido, ao mergulhar em obras literárias, os leitores podem compreender melhor a complexidade da condição humana e promover empatia e compreensão intercultural, o que, por sua vez, contribui para a superação de preconceitos e ampliação de horizontes, promovendo a humanização, conforme defende Candido (2011). Logo, ao propor a leitura de obras literárias clássicas ou contemporâneas, o mediador da leitura pode auxiliar a enriquecer a compreensão do leitor acerca da complexidade humana. No entanto, isso só é possível na medida em que esse mediador seja capaz de desvincular a leitura literária de funções pragmáticas, resgatando o papel transformador que esse tipo de leitura tem o potencial de desempenhar.

Sob essa perspectiva, este artigo consiste em três partes: 1) A literatura como agente de desconstrução de estereótipos e expansão de consciência; 2) A experiência íntima da leitura literária e sua relação com o imaginário; 3) O conto *Famigerado* e a imagem de homem. Assim, para começar, trata-se da redução da literatura enquanto objeto pragmático e pedagógico vinculado ao ensino linguístico. Nesse percurso defende-se o lugar da literatura enquanto arte que promove o prazer e a fruição. Assim, na qualidade de experiência íntima, a leitura literária possibilita uma jornada de autoconhecimento, promovendo conexões emocionais e intelectuais com as histórias, abalando certezas pessoais e expandindo a compreensão das diferentes formas de experienciar a vida.

Em seguida, explora-se o papel das imagens psíquicas, como representações mentais que vão além das simples imagens visuais e que são cruciais no desenvolvimento da imaginação humana, contribuindo para o cultivo da criatividade e fortalecimento do pensamento. À vista disso, reconhece-se e valoriza-se o papel das imagens psíquicas na formação educacional, já que elas são fundamentais para enriquecer e aprimorar as vivências do leitor de maneiras profundas e significativas.

Por fim, ao adentrarmos no conto "Famigerado", de Guimarães Rosa, busca-se exemplificar como a literatura contemporânea aborda e questiona os estereótipos de masculinidade. Ao examinar as complexidades dos personagens e suas interações, somos confrontados com uma reflexão profunda sobre o que significa ser homem em nossa sociedade. Nesta seção, é possível perceber como Guimarães Rosa apresenta personagens masculinos que transcendem os limites estreitos da masculinidade representada em questões de bravura, coragem, virilidade, força física e vulnerabilidade emocional.

2. A literatura como agente de desconstrução de estereótipos e expansão de consciência

A literatura, desde seu nascimento, tem desempenhado um papel crucial na formação intelectual e emocional dos indivíduos. Longe de ser, tão somente, mero entretenimento, a literatura oferece uma janela para explorar diferentes perspectivas, culturas, épocas e realidades, enriquecendo assim a nossa compreensão do mundo. Sabemos que foi devido a essas características que a literatura entrou para a escola enquanto instrumento pedagógico e, no entanto, Zilberman (2008) nos diz que o ensino de literatura se tornou o responsável pela (própria) literatura ter deixado de ser educativa.

As finalidades de expansão de vocabulário, aprimoramento de habilidades de leitura e escrita e desenvolvimento de uma compreensão mais profunda da linguagem, de certo modo, rebaixaram a literatura a um tipo de manual do estudo de língua. Exercícios gramaticais, questões de interpretação e atividades pragmáticas de personagens, tempo e espaço floresceram conduzindo ao que poderíamos chamar de um ofuscamento das possíveis intenções estéticas do texto. Esse viés pragmático e utilitarista se tornou tão forte que os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais chegam a afirmar que "as pessoas aprendem a gostar de ler quando, de alguma forma, a qualidade de suas vidas melhora com a leitura" (Brasil, 1997, p. 29).

Essa afirmação não poderia ter menos a ver com a literatura, essa que é brinquedo, prazer, fruição, entretenimento, liberdade, criatividade, enfim, é arte e, como tal, é força subversiva. E nesse sentido não se presta aos ditames da escola, afinal "é impossível substituir o prazer dionísio pela ordem apolínea: fantasia pré-configurada num objetivo escolar e cobrada numa avaliação deixa de ser fantasia..." (Silva, 2008, p. 57).

Vale lembrar que há até aqueles que querem demarcar, formalizar e deliberar os alcances da literatura: o que contribui ou não, o que provoca efeito sobre o leitor ou não.

Isso posto, a própria noção de literatura teve e talvez ainda tenha seus limites em discussão, afinal, ainda há puristas deste fazer artísticos que não reconhecem, assim como Candido (2011), que ela é uma forma de expressão universal de todos os homens em todos os tempos, sendo constituída de “todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos de folclore, chiste até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações” (Candido, 2011, p. 176).

Ou seja, é vital compreendermos que a literatura não se limita a um conjunto de histórias ficcionais ou tão somente os textos aprovados pelos estudos críticos ou validados pelas diferentes vertentes de pensamento. A literatura expressa nossos dilemas, valores e questionamentos mais intrínsecos conduzindo-nos à experimentação de outras possibilidades de existência, sendo por isso que ela cumpre sua função subversiva e de desconstrução do existente oferecendo-nos a possibilidade de viver o impossível (Llosa, 2012).

Ao mergulhar em obras literárias, os leitores têm a oportunidade de compreender as complexidades da condição humana, bem como os desafios sociais, políticos e éticos enfrentados pela humanidade ao longo da história. É devido a isso que consideramos que a literatura é um elemento poderoso para promover a humanização (Candido, 2011), a solidarização (Zilberman, 2008), a empatia e a compreensão intercultural, promovendo o respeito a diferentes culturas e uma convivência mais pacífica e colaborativa.

No que se refere à esfera educacional de modo mais específico, a literatura tem papel de extrema relevância no desenvolvimento da imaginação e da criatividade, permitindo explorar novas ideias e conceitos de maneiras únicas. Isso porque ela "atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente" (Candido, 2011, p. 177), ou seja, não é no consciente que ela produz maior efeito. Isso acontece porque a literatura movimenta o universo imaginário e imagético que está na base da psique humana levando-nos a sonhar acordados (Candido, 2011)

Nesse sentido, considerando que “as imagens que são forças psíquicas primárias são mais fortes que as ideias, mais fortes que as experiências reais” (Bachelard, 2019, p. 17), compreendemos que a literatura, ao ser capaz de movimentar essas imagens, potencializam vivências do leitor expandindo maneiras de ser, de pensar e de agir. É por isso que já na Grécia antiga, Platão (2012) alertava para o perigo das capacidades

subversivas da literatura. Ao agir nas profundezas da mente humana, a literatura modifica o leitor num processo bastante singular.

Esse processo só é possível porque as palavras evocam imagens, símbolos e arquétipos que influenciam nossas percepções, sonhos, mitos, rituais e nossas maneiras de pensar. Os elementos imagéticos que estão na base da literatura são capazes de evocar uma variedade de emoções, memórias e significados. Durand (1993), por exemplo, acreditava que as imagens têm o poder de estimular a imaginação e despertar sentimentos profundos dentro dos espectadores.

De nossos mitos, lendas, de nossas ideias de divindades e de nossas noções acerca da morte, são as imagens que sustentam o pensamento, as crenças e as ideologias. Afinal, é “a sensibilidade coletiva originária da forma estética acaba por construir uma relação ética” (Maffesoli, 2018, p. 33). Nesse sentido, imagens de heróis, de vilões, de “homens” e de “mulheres” foram e continuam sendo construídas, por exemplo, dentro da literatura e, assim, fazendo surgir novas vertentes de pensamento que, por sua vez, se reproduzem socialmente. Essas representações, por vezes, voltam para a literatura em expressões criativas de criações imagéticas que nascem nas linhas de objetos estéticos dos mais variados.

Imagens de príncipes e princesas, de família e, ainda, de felicidade e de sucesso são constantemente construídas e desconstruídas na ficção e reverberam na vida fora dela. Apenas fazendo um panorama, é possível dizer que as imagens de Cinderela, de Emma Bovary e de Fiona demonstram um processo de desconstrução de um estereótipo feminino. Nota-se que quando Gustave Flaubert escreveu *Madame Bovary*, provocou escândalo, crítica e confusão porque a imagem daquela mulher ia contra os padrões de “mulher” daquela época. Era a quebra de padrões, o início de uma tomada de consciência acerca do universo feminino. Há que se mencionar que isso é algo que ainda estamos trabalhando, prova disso é a imagem de mulher como “bela, recatada e do lar” que surgiu nos últimos anos.

A fim de traçarmos um paralelo semelhante de outra imagem que permanece em reconstrução, poderíamos dizer que a noção de homem passou do herói épico, para Dom Quixote e chegou, por fim, a *Shrek*, de William Steig. Como veremos detalhadamente mais adiante, a figura masculina idealizada, sempre corajosa, infalível e avessa a demonstrar sentimentos deu lugar a representações mais complexas e inclusivas de masculinidade, que

reconhecem a diversidade de experiências e emoções dos homens. Sendo assim, tanto as noções de homem quanto de mulher estão em constante reconstrução, refletindo as mudanças sociais, culturais e individuais ao longo do tempo.

Essas imagens provocam mudanças no pensamento e levam a discussões em torno de nossas construções socioculturais, de nossos preconceitos e de nossas concepções de formas, espaços e maneiras de ser “homem” e de ser “mulher”. Formas estanques de ser e de agir são questionadas na literatura com a força das imagens psíquicas que nos fala Bachelard (2019) ampliando nosso repertório de vivências e experimentações. É, por exemplo, neste processo que novas (e aprimoradas) versões de feminino e de masculino ganham forma, quebram barreiras de pensamento solidificado e são capazes de fluir livremente.

Por meio de narrativas complexas e personagens multifacetados, a literatura nos oferece representações que muitas vezes transcendem as fronteiras tradicionais de gênero, desafiando estereótipos e abrindo espaço para a expressão de identidades não binárias e fluidas. Ainda no século passado, Virginia Woolf (2011) já trazia a temática à tona em *Orlando*, uma obra que desafia as noções convencionais de gênero ao contar a história de um protagonista que muda de gênero ao longo dos séculos, explorando assim a fluidez da identidade de gênero.

Ao ler *Orlando*, percebemos que questões universais como amor, o desejo, a morte, a necessidade de autoconhecimento e a vontade de realização pessoal não dependem de gênero ou expressão de sexualidade. Woolf demonstra que no cerne de nossa humanidade, estamos unidos por experiências compartilhadas que vão além das construções sociais de gênero.

Na literatura brasileira, poderíamos dizer, inclusive, que Guimarães Rosa (2015), de certa forma, nos proporcionou uma experiência parecida ao criar Diadorim e Riobaldo. Em *Grande Sertão: veredas*, a valentia da primeira é a mesma, sendo ela homem ou mulher. Do mesmo modo, o amor do segundo por Diadorim não muda: é tão poético e verdadeiro quanto poderia ser, independentemente do gênero (de quem ama ou de quem se ama).

O escritor mineiro também foi capaz de romper com estereótipos acerca do homem do interior, algo que, na literatura brasileira, é possível encontrar em obras como *Urupês*, de Monteiro Lobato (2012). A imagem da rusticidade, do atraso e da resistência à modernização marcam a descrição do “caipira” em Lobato (2012). Nos textos de Guimarães

Rosa, por sua vez, o homem do campo é marcado por emoções, motivações e pensamentos profundos. Seus personagens vivem no interior, muitas vezes em situações adversas, e, no entanto, são complexos e multifacetados, com dilemas morais e conflitos psicológicos iguais a quaisquer outros seres humanos. Nesse sentido, a sabedoria peculiar de seus personagens aparentemente tão simples expõe a diversidade de conhecimentos que constituem a vida das pessoas.

Na obra de Rosa, esse homem do sertão é fortemente ligado à natureza. Sua maneira de pensar e de agir muitas vezes leva-nos a romper “as barreiras impostas pelo pensamento racionalista” (Coutinho, 2013, p. 114). Nesse sentido, o autor nos oferece saberes ancestrais, muitas vezes ocultos nas profundezas de nossas constituições mais íntimas. Saberes esses que foram deixados de lado devido à forma como a sociedade foi aos poucos se organizando, em torno de vertentes como o capitalismo, o racionalismo e o pragmatismo da industrialização. Ou seja, os saberes da natureza foram aos poucos sendo considerados inferiores àqueles que vinculavam a uma sociedade modernizada.

Vale lembrar, ainda, que no Brasil, a imagem dos diferentes povos constitutivos de nosso país também passou e passa por isso: a figura do indígena, do gaúcho e do nordestino foram base para a construção de várias obras de José de Alencar. O “bom selvagem”, o valente gaúcho ou o guerreiro sertanejo são visões idealizadas, romantizadas e estereotipadas. Muitas dessas idealizações e concepções ainda permanecem enraizadas na mente das pessoas, distorcendo a realidade a partir de construções imagéticas que precisam ser questionadas.

Outro exemplo de nossos povos constitutivos está na imagem do negro. Não é difícil encontrar a sexualização da figura negra feminina (e masculina) em nossa literatura e exceto a popularidade de nosso “herói sem caráter”, em *Macunaíma*, de Mário de Andrade, o negro tem presença tímida em nossa literatura, apesar da constituição de nossa população. Afinal, há que se considerar que numa população majoritariamente negra ou parda, era de se imaginar que nossos protagonistas também o fossem. Fato esse que revela problemas de acesso à educação e, portanto, à possibilidade de transitar pelo meio literário, mas também o que poderíamos chamar de um certo constrangimento em demonstrar a figura de nossas origens.

Nosso discurso pode ter mudado ao longo das décadas, mas imagens alicerçadas na mente das pessoas ainda influenciam nossas percepções do outro e,

consequentemente, a maneira como os diferentes grupos são percebidos e tratados. Espaços e papéis sociais são alvo de disputa a todo momento e a revisão de nossas compreensões dessa dinâmica é sempre imperativa. Caso contrário, esse processo pode ofuscar a diversidade e a complexidade das identidades culturais brasileiras, contribuindo para a marginalização e a invisibilidade de certos povos e comunidades em algumas esferas sociais. Assim sendo, a literatura nos ajuda a questionar essas construções a fim de promover uma representação plural, multifacetada e diversa da cultura brasileira.

Também é possível mencionar as questões de religiosidade, uma vez que expressões religiosas de matriz africana (Candomblé, Umbanda, etc.) ainda sofrem preconceito. Uma obra que aborda questões de religiosidade e preconceito é *Tenda dos milagres*, de Jorge Amado (2022). Nesta e em outras obras do autor é possível perceber a rica diversidade cultural e religiosa do nosso país, destacando a influência das religiões de matriz africana na vida cotidiana das pessoas. A importância dessas expressões religiosas e do sincretismo na construção da identidade brasileira são facilmente percebidas e ampliam a visão acerca da temática.

No entanto, apesar dos avanços nesse sentido, ainda enfrentamos desafios significativos no que diz respeito ao combate ao preconceito e à promoção da diversidade religiosa e cultural. Expressões religiosas de matriz africana, como o Candomblé e a Umbanda, continuam a ser alvo de ataques e intolerância em muitos contextos sociais. À vista disso é fundamental que continuemos a desempenhar um papel ativo na conscientização e na desconstrução desses preconceitos, promovendo uma sociedade mais inclusiva e respeitosa com as diferenças.

Portanto, podemos dizer que a literatura é uma poderosa ferramenta neste intento de combate ao preconceito e à intolerância. Ao explorar essas questões de forma sensível e complexa, as obras literárias nos convidam a refletir sobre nossos próprios preconceitos e a valorizar a riqueza e a variedade das expressões culturais e religiosas que compõem o tecido social do Brasil.

Seja no que diz respeito aos gêneros, às diferentes culturas ou modos de viver e de agir socialmente, é preciso questionar estereótipos a fim de avançar na percepção de que o ser humano, sobremaneira, o ser humano contemporâneo não cabe em categorias estanques, em definições fixas ou em padrões pré-concebidos. A literatura de forma orgânica, devido à sua própria natureza, torna-se uma aliada indispensável nesse processo,

pois oferece-nos as condições necessárias para ultrapassar os limites do confinamento da vida real, concedendo-nos a possibilidade de viver mil vidas diferentes, como diria Llosa (2012).

3. A experiência íntima da leitura literária e sua relação com o imaginário

Pautando-nos em Aristóteles (2017), podemos compreender que a literatura é ligada à mimese, ou seja, capacidade de imitação ou de representação da vida humana por meio de personagens. Essa representação não precisa imitar a realidade de forma literal, mas sim capturar sua essência e transmitir uma verdade profunda acerca dos indivíduos e de suas interações. Ou seja, a literatura trabalha com representações arquetípicas de “perfis” humanos em cenários e contextos delimitados pelo texto. É devido a essa imitação arquetípica que somos capazes de nos identificar e nos emocionar com obras tão distantes do nosso tempo.

Em *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare (2016), a imagem do casal apaixonado que encontra impedimento à concretização daquele amor, no conflito de *Antígona* (Sófocles) que se dá entre a necessidade de respeitar a lei ou de enterrar adequadamente o corpo do irmão; ou, ainda, na superação das adversidades a fim de voltar para o lar (*A Odisseia*, de Homero) temos “modelos típicos” reproduzidos em milhares de contextos e formas ao longo do tempo. Os mais radicais dizem que não há histórias originais desde a Grécia Antiga, pois no âmago as histórias giram sempre em torno de sentimentos muito semelhantes: amor e morte (Jaffe, 2023).

Ainda assim, mudam-se os contextos, mudam-se os cenários, mas a imagem ambígua, conflituosa e ousada dos personagens continuam a oferecer sentimentos válidos, reflexões férteis e emoções singulares. Isso porque

o que a literatura faz é, antes de tudo, formalizar um ponto de vista original sobre o mundo que não pode jamais se confundir, como numa colagem exata, com aquele que escreve, o autor em carne e osso. O nascimento da literatura é o nascimento de um narrador (Tezza, 2018, p. 59).

O que há de novo são novas perspectivas sobre histórias que se constituem de forma fundamentalmente semelhantes a tantas outras baseadas, sobretudo, em amor, ódio, morte e vida. Os narradores originais que surgem contam-nos sobre nós mesmos à medida que nos fazem sentir e pensar, uma vez que “há pensamento quando se demonstra algo tal como é, ou como não é, ou quando se enuncia algo de universal” (Aristóteles, 2017,

p. 87). Em outras palavras, quando a obra é capaz de oferecer uma imagem verossímil do(s) personagem(ns), de suas motivações, sentimentos, pensamentos e emoções.

Além disso, de acordo com Llosa (2016), as ficções revelam-nos. Ao nos identificarmos de forma física, psíquica ou emocional com o indivíduo representado na obra, descobrimos um pouco mais acerca de nós mesmos e do mundo em que vivemos. Saber como somos e, principalmente, como não somos, em termos psíquicos, biológicos e socioculturais auxilia no reconhecimento de nossa essência mais humana: a diversidade a “questão que se impõe é: quanto estamos dispostos a exercer esse movimento migratório dentro de nós mesmos. A literatura é o primeiro passo para admitir que não nos conhecemos. E isso não é problema, mas um jeito de desnaturalizar o mundo” (Tenório, 2023 p. 147).

Vale mencionar que essa jornada de autoconhecimento é o que nos impulsiona na experiência de leitura literária, permitindo-nos conexões emocionais e intelectuais com as histórias, enriquecendo assim nossa própria compreensão do mundo e de nós mesmos. Essa é uma jornada em que identidade e alteridade se enlaçam (Rancière, 2012).

A arte é feita de imagens, seja ela figurativa ou não, quer reconheçamos ou não a forma de personagens e espetáculos identificáveis. As imagens da arte são operações que produzem distância, uma dessemelhança. **Palavras descrevem o que o olho poderia ver ou expressam o que jamais verá**, esclarecem ou obscurecem propositalmente uma ideia (Rancière, 2012, p. 15, grifo meu).

Nesse sentido, mais do que qualquer outra expressão artística, a literatura coloca-nos dentro da mente do personagem, frente aos sentimentos íntimos de seus conflitos e em meio a situações que abalam nossas certezas e crenças pessoais. Desta forma, ao colocar os leitores frente a um outro que lhe é semelhante de dessemelhante ao mesmo tempo, os indivíduos tem a possibilidade de expandirem sua compreensão do mundo e das diferentes formas de experienciar a vida, promovendo uma maior sensibilidade às necessidades e emoções alheias.

No entanto, é preciso ponderar que para que todo esse processo seja, de fato, verdadeiro, eficiente e eficaz é preciso que haja leitores. Nesse entendimento, Tezza (2018, p. 23) alerta que: "é o ensino do jovem adolescente que, realmente, pode criar com consistência o futuro leitor. Penso que o leitor duradouro se faz, de fato, na adolescência, na passagem para a vida adulta". E, considerando que o número de leitores no país tem

decrecido, de acordo com a última pesquisa "Retratos da leitura no Brasil", na sua quinta edição, no ano de 2020, nota-se que temos falhado enquanto instituições promotoras da leitura enquanto forma de apreensão do mundo, de construção do pensamento e de aprimoramento das habilidades de sentir, de criar e de imaginar.

À vista disso, reiteramos a necessidade de encontrar formas menos avaliativas, castradoras, vigilantes e opressivas de ensinar literatura. É essencial, portanto, adotar abordagens inclusivas no ensino de literatura, estimulando a expressão individual e a diversidade de perspectivas. Ademais, evitar práticas normativas e hierárquicas é imprescindível para criar um ambiente de aprendizado que incentive a participação dos estudantes. É preciso promover o pensamento crítico e um diálogo colaborativo, capacitando os leitores em formação a questionar e contribuir ativamente para a construção do próprio conhecimento. Apenas desse modo a literatura continuará a exercer seu papel naturalmente formativo em dimensões psicológica, social e estética (Candido, 2011).

No âmbito dessa relação formativa e sabendo que as imagens psíquicas são concebidas como representações mentais, é possível compreender que elas desempenham um papel crucial no desenvolvimento da imaginação humana. Isso porque elas vão além das simples imagens visuais, abrangendo também arquétipos e símbolos que refletem conceitos abstratos. Este fenômeno multifacetado influencia diretamente a maneira como percebemos o mundo ao nosso redor e nossa capacidade de expressar ideias e experiências de forma criativa e significativa. Neste sentido, é fundamental reconhecer a importância da leitura literária na formação educacional e no cultivo da criatividade humana, dentro de uma perspectiva que considera o imaginário como constitutivo da experiência humana.

Imaginário é um conjunto de elementos simbólicos presentes na mente humana e, também, uma atividade criadora e imaginação transformadora do mundo (Durand, 2019). Nesse sentido, quando uma obra literária é capaz de ligar-se a esse imaginário no momento da leitura, ela é capaz de movimentar esses elementos que levam a mente a reconhecer padrões, comportamentos e situações e, a partir disso, convidam-nos a pensar, a sentir e a emocionar-nos.

Tezza (2018, p. 21) explica que “a literatura diz, afirma, compara, reflete, pensa e revela o país e seus habitantes de uma forma simbólica, altamente diversificada, que

nenhuma outra linguagem alcança”. Essa é a grande vantagem da literatura frente a outras formas de expressão artísticas, pois ela é altamente íntima e particular, leva em conta o repertório sociocultural do leitor e movimenta seu imaginário de maneira exclusiva. Não há como prever como uma obra literária afeta determinado leitor, dado que ela nasce a partir do resgate imagético que se dá dentro da mente do leitor.

Na literatura, as cores não estão prontas, como na pintura ou na fotografia, os movimentos não estão executados, como no cinema ou no teatro, os sons não estão compostos, como na música. Logo, é preciso imaginar tudo e, para isso, se faz necessário um esforço mental “extra” para preencher as lacunas e dar vida ao texto. No entanto, esse esforço extra (comparado a outras expressões artísticas) também proporciona benefícios adicionais no desenvolvimento da imaginação, da criatividade e no fortalecimento do pensamento, contribuindo para a geração de ideias originais e inovadoras.

Dentro dessa interação com o texto literário, o leitor encontra prazer e fruição (Barthes, 1987) e experimenta o efeito catártico descrito por Aristóteles (2017) que é não apenas uma experimentação emocional, mas também racional, haja vista que a obra de arte leva-o não apenas a sentir, mas também a imaginar e a pensar além dos próprios limites apriorísticos.

Frente ao texto, o leitor encontra prazer em suas interações peculiares, subjetivas e individuais e, também, experimenta os abalos em seus modos de sentir o mundo. Uma e outra facetas juntas levam o leitor a mergulhar em reinos de possibilidade que transcendem a realidade imediata, fazendo-o refletir sobre as próprias vidas e dilemas pessoais, o que faz com que ele ganhe uma nova perspectiva sobre questões humanas universais.

Isso porque “se as trocas são ‘reais’ ou são trocas simbólicas tem pouca importância; na verdade, a comunicação, no seu sentido mais amplo, utiliza caminhos diversos” (Maffesoli, 2018, p. 40-41, grifo do autor). A comunicação do texto com o leitor, por meio de seus elementos simbólicos, cumpre seu papel transformando a vivência ficcional em experiência psíquica.

Desse modo, as imagens psíquicas desempenham um papel vital no desenvolvimento da imaginação humana, oferecendo uma fonte rica de estímulo criativo, autoconhecimento e expressão pessoal, dentro de uma perspectiva teórica que considera o imaginário como uma dimensão fundamental da experiência humana. Ao cultivar e nutrir

essas imagens internas, os indivíduos podem expandir sua visão de mundo, fortalecer sua capacidade de resolver problemas e enriquecer sua experiência de vida de maneiras profundas e significativas. Portanto, é fundamental reconhecer e valorizar o papel indispensável das imagens psíquicas na formação educacional e no florescimento da criatividade humana.

4. O conto *Famigerado* e a imagem de homem em questão

No conto *Famigerado*, Guimarães Rosa, encontramos uma situação peculiar e imagens capazes de estimular profícuas discussões que levam o leitor a questionar estereótipos de homem e de vilão. Essa narrativa é parte da coletânea de contos *Primeiras estórias*, publicada pela primeira vez em 1962.

Nessa estória, o narrador recebe a visita de Damázio, um sertanejo "feroz de estórias de léguas, com dezenas de carregadas mortes, homem perigosíssimo. Considerando também, se verdade, que de para uns anos ele serenara — evitava o de evitar" (Rosa, 2016, p. 48). O homem procura o médico, narrador, para perguntar acerca do significado da palavra que dá título ao conto.

Encontramos neste conto um homem valente e corajoso e outro intimidado e delicado. A imagem do masculino ligada à violência, à virilidade e à força física é, portanto, questionada no conto. Isso sem contar que a falta de beleza física e a despreocupação com a higiene e questões estéticas também aparecem como oposição à figura de um homem moderno.

Nesse sentido, Damázio surge como um modelo arcaico de homem, quase uma fera selvagem que expressa sua "macholidade" (Pereira; Magalhães, 2021) através da violência e da dominação. Entretanto, em Guimarães Rosa nada é exato, fechado ou unilateral; assim, exceto a aparência física, não sabemos, verdadeiramente, quase nada acerca do personagem, exceto que ele andou seis léguas para saber o significado do termo "famigerado", que trouxe três testemunhas e que diz estar tentando evitar confusões devido a boatos que ouviu. Percebe-se, dessa forma, que Damázio é um homem simples, sem instrução, um sobrevivente do sertão que chega para pedir ajuda a quem supostamente poderia lhe esclarecer a dúvida.

Sua "rudez primitiva" nada mais é do que a condição de um indivíduo como centenas de milhares de outros presentes na sociedade brasileira. Pessoas que nascem e crescem em condições precárias, que pouco tem acesso à instrução e que são obrigadas a

trabalhos braçais em áreas remotas ou em situações pouco desejáveis. Vemos, ainda, que apesar da pouca instrução, ele admira quem teve aquilo que ele não conseguiu ter acesso: “não há como que as grandezas machas duma pessoa instruída” (Rosa, 2016, p. 50). Ou seja, a possibilidade de educação formal ligadas ao ato de ler e escrever.

O que o personagem diz pode ser interpretado como o reconhecimento da masculinidade também na sabedoria dos livros, e do desenvolvimento pessoal por meio da educação e não apenas numa expressão de macho dominante, de pouca polidez, delicadeza e refinamento. Vê-se, ainda, a imagem de um indivíduo “preso” na única possibilidade de expressão que lhe foi oportunizada devido às problemáticas sociais de nossa história. Damázio pode apenas admirar um tipo de representação de masculinidade que jamais teve acesso.

Padrões de verdade e mentira também são questionados. Até onde as histórias contadas acerca de Damázio são fatos? Qual a extensão dos boatos acerca daquele homem? Jamais saberemos, o que nos deixa com a importante missão de não praticar pré-julgamentos baseados nos dizeres acerca do personagem e/ou no que se refere a sua imagem. “Tudo de gente brava. Aquele propunha sangue, em suas tenções. Pequeno, mas duro, grossudo, todo em tronco de árvore. Sua máxima violência podia ser para cada momento” (Rosa, 2016, p. 48). A tensão provocada pela presença do outro fundamenta-se apenas em sua imagem rústica e em boatos que correm na região. Uma imagem pré-concebida de um homem violento intimida o narrador, mesmo antes que ele possa saber das reais intenções daquela visita.

A figura pobre, com marcas de poucas habilidades sociocomunicativas, seja em questões linguísticas ou em modos de interação nada mais é a camada mais externa de um ser humano bastante complexo, como sugere o conto. Ele tem dificuldades para falar, demonstra desrespeito ao não tirar o chapéu da cabeça, além de não entrar e nem aceitar o café — todos indicadores de civilidade. Damázio, no entanto, valoriza a família, tem inclinação religiosa e demonstra confiança no outro. “Vosmecê agarante, pra a paz das mães, mão na Escritura?” (Rosa, 2016, p. 50). A fala demonstra os valores socioculturais de um indivíduo supostamente “perverso brusco”, mas que parece tentar o diálogo e que corre o sertão atrás da informação fiel antes de qualquer coisa.

Com relação ao narrador, não dispomos de uma segunda versão dos fatos. Logo, precisamos analisar tudo o que foi dito tentando evitar a história única e uma disposição

unilateral. Esse exercício de reflexão por si só tem o potencial de expandir a percepção dos estudantes acerca de suas relações interpessoais, algo que, diga-se de passagem, é imprescindível em todos os dias, de qualquer ser humano em sociedade. O que temos desse homem é a indicação que ele ofereceu meia verdade (ou verdade escamoteada) a Damázio e que, ao final, a situação deixou-lhe “tese de alto rir”.

O riso indica o distanciamento e, nesse sentido, sugere pouco envolvimento com o drama do outro. Dessa maneira, o narrador parece interessado apenas em se livrar da ameaça hipotética que a figura de Damásio lhe impunha, devido ao próprio desconhecimento das problemáticas do universo de seu semelhante. Esse afastamento indica um tipo de comportamento bastante comum em nossa sociedade que, por vezes, pode reverberar em falta de empatia, tolerância ou aceitação das peculiaridades do outro e de sua história pessoal.

Voltando à questão da representação do masculino que aqui tomamos como exemplo: Essa compreensão na sociedade contemporânea tem se transformado e velhos padrões de representação da masculinidade estão sendo desconstruídos. Isso porque a chamada “masculinidade tóxica” provoca distorções na própria masculinidade dos indivíduos provocando dor e sofrimento.

Assim, a imagem do homem na sociedade contemporânea está passando por uma evolução significativa, na qual velhos paradigmas de representação de "homem" estão sendo desconstruídos. Ser homem já não se limita mais aos estereótipos tradicionais de força, bravura, virilidade e controle sobre o mundo e os outros. Em vez disso, há uma crescente valorização da diversidade e da complexidade da experiência masculina, reconhecendo que os homens (também) são seres humanos pluralizados, com uma vasta gama de emoções, desejos e experiências.

Esse tipo de discussão proporcionada pelo texto pode gerar nos alunos uma nova compreensão do lugar do masculino em sociedade, abrangendo uma variedade de expressões de gênero e identidades, permitindo, por exemplo, que os homens se libertem das expectativas restritivas e explorem quem eles são de forma autêntica e multifacetada. Já em Nolasco (1995) propunha-se uma desconstrução de normas e padrões sociais estanques relacionados às expressões de gênero. Assim, a masculinidade não é mais definida por uma única narrativa dominante, mas sim por uma infinidade de expressões individuais, cada uma única em sua própria jornada de autodescoberta e autenticidade.

Padrões de comportamento, atitudes e crenças que promovem uma visão distorcida e prejudicial do que significa ser masculino não podem mais ser aceitos e precisam ser discutidos, especialmente com indivíduos em idade escolar, portanto, em um período em que a formação psicológica, emocional e social é tão primordial.

Nesse contexto, os estudantes podem ser encorajados a se reconectar com sua humanidade complexa, a expressar suas emoções de maneira saudável e a buscar relacionamentos (hetero ou homoafetivos) baseados na igualdade e no respeito mútuo. Relacionamentos estes que são, inclusive, garantidos por lei, ainda que sua real efetivação esbarre obstáculos tanto de ordem legal quanto social (Ferreira, 2023). Nesse viés, ao desafiar os velhos padrões de masculinidade, estamos contribuindo para construir uma sociedade mais inclusiva, onde todos os indivíduos possam ter a liberdade de serem verdadeiramente eles mesmos.

5. Considerações finais

As imagens, representações mentais que emergem na literatura ganham vida e dinâmica na relação com as experiências individuais, narrativas culturais e interações sociais de cada leitor. É por isso que o texto literário é imprevisível em seu diálogo com o leitor. É também por isso que a escola, durante anos, tentou demarcar rituais de leitura e padronizar o prazer do contato com a literatura; o que, sabemos, tem ocasionado o distanciamento de muitos jovens do ato da leitura.

No entanto, sabendo da importância e da influência marcante da literatura no processo formativo do leitor no que se refere às suas percepções, valores e comportamentos. Tendo consciência, ainda, de que ela desempenha um papel crucial na construção da identidade e na forma como os indivíduos se relacionam com o mundo, é imprescindível resgatar a leitura literária em sua forma mais pura de expressão artística.

Bachelard (2019) ressalta a importância da imaginação e das imagens poéticas na construção do conhecimento humano. Ele argumenta que as imagens psíquicas não apenas refletem a realidade, mas também a moldam, influenciando profundamente nossa compreensão do mundo e de nós mesmos. É neste viés que os textos literários de diferentes gêneros se tornam veículos essenciais para a transmissão, debate e preservação da cultura. Isso porque essas narrativas ajudam a moldar nossa autopercepção, nossas relações interpessoais e nossa compreensão das questões sociais e políticas, influenciando assim o curso da história e da mudança social.

Por meio de manifestações culturais presentes na literatura, as pessoas compartilham e internalizam imagens mentais que espelham os valores, crenças e visões de mundo de uma determinada sociedade. Essas imagens contribuem para a construção de uma identidade cultural coletiva, conferindo um senso de pertencimento e continuidade ao longo do tempo. Logo, o trabalho realizado no espaço escolar com a literatura tem o potencial de questionar, reconfigurar, confirmar, reconstruir percepções acerca de nós mesmos e nossas interações com o mundo, como o que foi apresentado ao longo desse trabalho com relação a imagem do "homem".

Desse modo, as percepções acerca de questões como gênero, raça, classe e identidade que são moldadas pelas imagens mentais que internalizamos ao longo da vida, muitas vezes de forma inconsciente, podem ser revistas. Estas imagens, do mesmo modo que o "modelo de masculino" discutido, podem reforçar estereótipos e preconceitos existentes, ou desafiar e subverter narrativas dominantes, dependendo do contexto cultural, das experiências individuais e de como esses textos são trabalhados em sala de aula.

Referências

- AMADO, Jorge. **Tenda dos milagres**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- ARISTÓTELES. **Poética**. São Paulo: Editora 34, 2017.
- BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios do repouso**: ensaio sobre as imagens da intimidade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Língua Portuguesa. Secretaria de Educação Básica. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 1997.
- CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.
- COUTINHO, Eduardo F. **Grande Sertão Veredas**: travessias. São Paulo: Realizações, 2013.
- DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. 4 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019.
- DURAND, Gilbert. **Imaginação simbólica**. Lisboa: Edições 70, 1993.

FERREIRA, Vivianne. **A família homoafetiva e os desafios para seu efetivo reconhecimento**. 2023. Disponível em: <https://portal.fgv.br/artigos/familia-homoafetiva-e-desafios-seu-efetivo-reconhecimento> Acesso em 01 jul. 2024.

JAFFE, Noemi. **Escrita em movimento**. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

LOBATO, Monteiro. **Urupês**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2012.

LLOSA, Mario Vargas. **A tentação do impossível: Victor Hugo e Os miseráveis**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

LLOSA, Mario Vargas. **La verdad de las mentiras**. Livro digital. Alfaguara, 2016.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense, 2018.

NOLASCO, Sócrates. **A desconstrução da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

PEREIRA, Marcos Aparecido. MAGALHÃES, Epaminondas de Matos. *Representações da masculinidade plural em narrativas de primeiras estórias*. **Terra Roxa e outras terras: revista de estudos literários**. Dossiê Singularidades e pluralidades do masculino na literatura brasileira. v. 40 2021. Disponível em: https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/terroroxa/issue/download/1788/pdf_7 Acesso em 20 de jan. 2024.

Plataforma Pró-Livro. **Retratos da Leitura no Brasil**. 2018. Disponível em: <http://plataforma.prolivro.org.br/retratos.php> Acesso em 10 de mar 2024.

PLATÃO. **A República**. Brasília: Kiron, 2012.

RANCIÈRE, Jacques. **O destino das imagens**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

ROSA, João Guimarães. Famigerado. In: ROSA, João Guimarães. **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 2016.

SILVA, Ezequiel Theodoro. Descomplicando o ensino de literatura. In: Zilberman, Regina; Silva, Ezequiel Theodoro da. **Literatura e pedagogia: ponto e contraponto**. Campinas: Global, 2008.

SHAKESPEARE, William. **Romeu e Julieta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

TENÓRIO, Jeferson. Com a palavra Jeferson Tenório. In: JAFFE, Noemi. **Escrita em movimento**. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

TEZZA, Cristóvão. **Literatura à margem**. Porto Alegre: Dublinense, 2018.

WOOLF, Virgínia. **Orlando**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

ZILBERMAN, Regina. Sim, A literatura educa. In: Zilberman, Regina; Silva, Ezequiel Theodoro da. **Literatura e pedagogia**: ponto e contraponto. Campinas: Global, 2008.

Sobre o autor

Marcos Aparecido Pereira

Doutor em Estudos Literários UNEMAT, Mestre em Ensino IFMT/UNIC. Docente PPGEn – IFMT Campus Cuiabá. Email marcos.pereira@ifmt.edu.br Orcid <http://orcid.org/0000-0001-9498-8248>

Recebido em: 28/05/2024

Aceito para publicação em: 01/07/2024